

ATORES/AUTORES: HISTÓRIAS DE VIDA E PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS ESCRITORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL.

JOSÉ RONALDO TRINDADE*

resumo Seguindo um caminho proposto pela antropologia pós-moderna, produzida principalmente no cenário acadêmico norte-americano, o presente artigo procura pensar nas possíveis relações entre a história de vida e os posicionamentos teóricos de alguns autores que escreveram sobre homossexualidade no Brasil. Nesse sentido, noções como identidade homossexual e história da homossexualidade acabam influenciando e sendo influenciadas pela própria experiência de vida desses autores.

palavras-chaves: Antropologia, Política, homossexualidade, Pós-Modernidade, identidade homossexual, Histórias de vida.

abstract: Following the path suggested by the post modern anthropology, produced mainly in north-american academic scenary, this paper longs to brainstorm the possible relationships between life stories and some author's theoretic conceptions who written about homosexuality in Brazil. According to this, notions as homosexual identity and history end up influencing and being influenced by these authors' own life experience.

key-words: Anthropology, homosexuality, Politic, Post Modenity, homosexual identity, Life Stories.

INTRODUÇÃO

No final da década de 1970 - mais especificamente em 1978 - nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, alguns homens se uniram para fundar um jornal que tratasse de assuntos relacionados à homossexualidade no Brasil. Assim surgia o *Lampião de Esquina*¹.

* Doutorando SPGAS -USP

1 As reuniões do Conselho do jornal aconteciam, pelo menos nas primeiras edições, em esquema mensal de revezamento, ora em São Paulo ora no Rio, mas a redação do jornal praticamente funcionava no Rio. Os integrantes cariocas tinham maior peso na decisão das pautas, sobretudo pela influência do jornalista Aguinaldo Silva.

Um dos editores² do *Lampião de Esquina* e alguns de seus colaboradores também ajudaram na criação do *Grupo Somos de Afirmação Homossexual*, primeiro grupo de ativismo homossexual de São Paulo. Algumas dessas pessoas também eram, ou se tornaram no futuro, autores de obras ou ensaios que tratavam a questão da homossexualidade do ponto de vista histórico e antropológico. Tendo em vista que, devido à escassez de trabalhos sobre o tema da ho-

2 João Silvério Trevisan participou ativamente tanto do *Grupo Somos de Afirmação Homossexual* quanto do jornal *Lampião de Esquina*.

mossexualidade³ no Brasil, esses atores/autores acabaram se tornando a principal referência bibliográfica para qualquer estudo desse tipo no país⁴, acredito ser importante entender a trajetória dessas pessoas e verificar de que forma suas biografias influenciaram nas maneiras como pensaram certas questões relativas à homossexualidade no Brasil. Os atores/autores a serem abordados neste trabalho são João Silvério Trevisan, James N. Green, Peter Fry e Edward MacRae, cujos livros integram uma bibliografia básica para qualquer estudo sobre a homossexualidade no Brasil⁵. Na análise da trajetória dos sujeitos citados, partiremos do pressuposto de que os atores históricos estão inseridos numa rede social, num universo de representações que define o modo como eles percebem o mundo à sua volta, utilizando-se de repertórios disponíveis no imaginário social. O

3 Faz-se necessária uma ressalva para fins metodológicos sobre o uso do termo “homossexualidade”, pois existe uma polêmica em torno dessa palavra. Alguns autores, atentando para a invenção histórica desse termo, afirmam só ser possível sua utilização para envolvimento sexual entre pessoas do mesmo sexo, a partir do final do século XIX. Costa (1992), por exemplo, prefere utilizar a expressão “homeroatismo”, que, em sua opinião, representaria qualquer envolvimento erótico entre pessoas do mesmo sexo, sem necessariamente remeter à uma discussão identitária.

4 Luis Mott, Jurandir Freire Costa e Richard Parker também escreveram importantes trabalhos sobre homossexualidade no Brasil que podem ser considerados obras de referência. Todavia, os autores escolhidos para compor esse texto participaram, direta ou indiretamente, de movimentos pioneiros no que diz respeito ao ativismo homossexual no Brasil, quais sejam o jornal e o grupo de militância já citados.

5 James Green era estudante de pós-graduação de Ciência Política na USP, no final dos anos 70 e Edward MacRae estava desenvolvendo, juntamente com sua militância, seu trabalho de mestrado na UNICAMP, que, depois, desdobrou-se em doutorado na USP. A dissertação de Green ainda não tratava da homossexualidade, mas os textos de MacRae sobre esse assunto já circulavam desde 1979. Quanto a Peter Fry, este já tinha escrito as primeiras versões de seus famosos textos – “Da hierarquia à igualdade: a construção social da homossexualidade masculina no Brasil” e “Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros”, este, inclusive, publicado no número 2 da Revista *Religião e Sociedade*, em 1977, sob o título “Mediunidade e sexualidade” – antes de se tornar um dos editores do *Lampião*. João Silvério Trevisan publicou *Devassos no Paraíso* pela primeira vez em 1986, mas antes do *Somos-SP* e do *Lampião*, já tinha publicado livros de ficção sobre homossexualidade, sendo já um jornalista e ficcionista mais ou menos reconhecido.

que proponho pensar é exatamente por que escolheram capturar alguns elementos em detrimento de outros para avaliar uma questão – a homossexualidade – em determinados contextos.

I - INFLUÊNCIAS PÓS-MODERNAS?

A tentativa de entender a trajetória de determinados autores para então pensar sobre o olhar que eles lançaram à homossexualidade em suas obras encontra apoio nas propostas de uma antropologia que vem sendo chamada de pós-moderna e que está sendo produzida, principalmente, nos Estados Unidos. A publicação de um diário pessoal que Malinowski (1997) escreveu *in loco* – que permaneceu por muito tempo secreto – suscitou discussões sobre a presença do antropólogo em campo e sobre como traços de sua personalidade, ou contratempos enfrentados durante a pesquisa, podem influenciar nas representações que ele faz ao transformarem texto os dados de pesquisa.⁶ Profundamente inspirados por pensadores europeus como M. Bakhtin, M. Foucault, R. Barthes e P. Bourdieu, os chamados pós-modernos exploraram na antropologia alguns *insights* provenientes da filosofia da linguagem e da epistemologia das ciências. Nesse sentido, passaram a refletir sobre as condições de produção do texto etnográfico – a construção textual e o tipo de interlocução cultural estabelecidos pelas etnografias clássicas e contemporâneas. Não se deve esquecer também que os referidos autores foram inspirados pela antropologia interpretativa proposta por Clifford Geertz⁷, segundo a qual a interpretação antropológica seria uma leitura de segunda ou ter-

6 Malinowski (1997). Ver também Silva (1997/98).

7 Vale lembrar que antropologia interpretativa proposta por Geertz surgiu no contexto da desconfiança dos antropólogos com relação à capacidade explicativa dos modelos clássicos de representações culturais holísticas e fechadas do Outro (Silva, 2001).

ceira mão feita “*por sobre os ombros do nativo*”, que é quem faz a leitura em primeira mão de sua cultura. Como lembra Silva, “A análise cultural interpretativa afirmava explicitamente no texto etnográfico seus limites ou mesmo o caráter particular e muitas vezes provisório dos resultados da análise” (Silva, 2001).

Certamente os antropólogos chamados de pós-modernos não foram os primeiros a apontar questões referentes ao contexto de produção das etnografias, ou mesmo a considerar o papel da biografia dos etnógrafos em suas reflexões. Todavia, na medida em que assentam suas críticas antropológicas numa perspectiva epistemológica, essas questões acabam adquirindo uma importância crucial em suas análises.

A crítica pós-moderna deve, no entanto, ser entendida num contexto específico. O meio antropológico norte-americano passava por “(...) um contexto de auto-reflexão em relação ao tipo de prática de pesquisa e de escritos produzidos sobre os povos estudados, em geral dependentes econômica, política e culturalmente da sociedade do pesquisador” (Silva, 2001), ou seja, trata-se de uma antropologia que difere da produzida em terras brasileiras, que sempre se voltou para si, mesmo quando estudava povos culturalmente diferentes. O conhecimento de tal contexto me leva a crer que essa crítica não pode ser incorporada à antropologia brasileira em todos os seus aspectos.

Entretanto, se o que produzimos são textos, tanto quanto os europeus e norte-americanos, as questões relativas à construção discursiva dos textos ensaísticos, históricos ou etnográficos, bem como suas condições de produção, podem ser de grande valia para entender como determinadas noções a respeito de um grupo estu-

dados são tecidas⁸. Vale lembrar que os atores/autores selecionados para este texto tornaram pública sua homossexualidade em determinados momentos, e é partindo desse pressuposto que utilizarei fragmentos de suas vidas particulares para compreender um pouco seus pontos de vista sobre a existência, ou não, de uma identidade homossexual.

Já existem estudos produzidos fora do Brasil que procuram considerar o fato de autores homossexuais terem escrito sobre o tema da homossexualidade e de que maneira sua vida pessoal interfere tanto na produção acadêmica como nas pesquisas de campo realizadas⁹. É nesse sentido que abordar a biografia dos autores da homossexualidade no Brasil, que também foram atores históricos desse processo, pode nos ajudar a refletir sobre a natureza das constantes divergências desses autores. Aqui, os limites entre o autor e o ator são muito tênues. Acredito que vale a pena mergulhar na investigação desses limites. Afinal, se é através da memória que as pessoas definem suas identidades, a experiência desses atores pode ter muito a dizer sobre suas produções intelectuais.

8 Vale lembrar que as questões epistemológicas, reclamadas com tanta ênfase pelos antropólogos ditos pós-modernos, também vêm sendo discutidas em outras disciplinas. Entre os historiadores, essas questões vêm sendo suscitadas desde a década de 70 por autores como Hayden White (1973) e, mais tarde, voltam à tona num rico debate em torno das interseções entre História e Antropologia. Historiadores como Dominick La Capra (1988), Roger Chartier (1985), Phillip Benedict & Giovanni Levi (1985) e James Fernandes (1988) atentaram para os limites do texto e para os diálogos com a Antropologia e a Teoria Literária na produção de textos historiográficos.

9 Ver LEWIN, Ellen & LEAP, William L. *Out in the Field: Reflections of Gay and Lesbian Anthropologists*. Chicago: University of Illinois Press, 1996.

II - VIDA E OBRA

A história de vida dos autores selecionados para compor este texto se confluíram em vários momentos, seja como militantes, críticos, escritores ou acadêmicos. Esses encontros, marcados por conflitos tanto pessoais como políticos, evidenciam também divergências teóricas que pontuam seus trabalhos. Para iniciar tal discussão, é importante inserir suas vidas dentro de um contexto específico e bastante conturbado da história brasileira, o final dos anos 70 e início da década 80.

O *Grupo Somos de Afirmação Homossexual* surgiu ainda na década de 70 e trazia, nas mentes de seus fundadores, várias maneiras de pensar a homossexualidade. Enquanto alguns se empenhavam na construção de uma sólida identidade homossexual, capaz de mobilizar esse segmento na luta contra a discriminação de que eram vítimas (e, portanto, seria uma luta específica contra os tabus sexuais), outros pensavam que a homossexualidade estava imersa em uma questão mais abrangente e que atingia não apenas os homossexuais, mas também todos os outros segmentos “excluídos” da sociedade¹⁰.

Os depoimentos utilizados neste texto foram colhidos para uma outra pesquisa e por outra pessoa¹¹. Todavia, acredito que sejam depoimentos privilegiados para esta análise justamente pela intenção do pesquisador de levantar as biografias dos editores e colaboradores do jornal *Lampião de Esquina*. Não partirei do pressuposto de que suas palavras são exatamente

aquilo que fizeram, mas procurarei perceber, através do diálogo com suas histórias de vida, que elementos culturais e sociais estiveram presentes em suas experiências e, de alguma forma, repercutiram em suas obras. Se suas vidas foram o que contaram ou não, já não importa. O que interessa é como esse passado é recuperado e que visão de mundo se revela.

Dois dos participantes desse grupo escreveram sobre a história da homossexualidade no Brasil. Ainda que um dos autores tenha produzido seu texto dentro da academia e o outro não, acredito ser interessante verificar como suas experiências influenciaram nas maneiras como resolveram contar essa história. Trata-se de James N. Green e João Silvério Trevisan.

João Silvério Trevisan é escritor, nasceu numa pequena cidade no interior de São Paulo, filho de imigrantes italianos. No início de sua adolescência foi para um seminário, onde entrou em contato com uma rígida disciplina e também com as terapias psicanalíticas. Foi no seminário que tomou consciência de sua homossexualidade e entrou em contato com manifestações artísticas, como teatro, cinema, literatura. No final dos anos 70 envolveu-se na militância política e, assim, passou a conhecer as idéias socialistas. Angustiado com as diversas prisões que estavam acontecendo durante a ditadura militar, resolveu sair do país num auto-exílio, em 1973. Depois de passar pelo México, foi para Berkeley, nos Estados Unidos, uma cidade que fervilhava em meio a conturbadas lutas estudantis.

“Na época, tinha uma fantasia parecida com a de Rimbaud: como sabia que a fantasia de Rimbaud era ir para Paris para ver a queda da cidade, com a comuna, eu queria ir para Berkeley para ver a queda do império americano...porque Berkeley era a sede do movimento estudantil e dos quebra-paus nos Estados Unidos. Eu fui para os Estados Un-

10 Chamaremos, aqui, de excluídos – uma categoria sociológica bastante complexa – os segmentos sociais que se movimentavam politicamente, na segunda metade do século XX, reivindicando direitos e visibilidades e esse parece ser o caso das feministas, negros e operários.

11 Os depoimentos foram colhidos por Cláudio Roberto da Silva para a produção de sua dissertação de mestrado *Reinventando o Sonho: História oral de vida política e homossexualidade no Brasil*.

idos para morar em Berkeley e trabalhei lá, limpando casa, inicialmente, depois num restaurante.”

Foi em Berkeley que Trevisan conheceu os anarquistas e também o movimento homossexual, bem como as lutas de feministas, negros e ecologistas. “Em Berkeley comecei a tomar consciência não apenas de ser o que eu era, mas de batalhar pra poder ser o que eu era.” O contato com o movimento homossexual americano, que havia surgido com Stonewall¹², suscitou em Trevisan a possibilidade de implementar, no Brasil, um tipo de luta semelhante. Porém, a empatia com idéias anarquistas se fez presente no momento de pensar um movimento homossexual brasileiro.

Ao voltar para o Brasil e aproximar-se de pessoas que também se sentiam oprimidas por serem homossexuais em uma cultura rigidamente machista, Trevisan defrontou-se com novas formas de implementar essa luta. Algumas das pessoas que aderiram ao movimento estavam envolvidas com outras causas políticas e tinham como inimigo comum o sistema capitalista que, em última instância, seria responsável pela manutenção da discriminação em todos os seus níveis.

“A luta maior era a luta do proletariado, que não poderia sofrer nenhum tipo de ruptura...e nós estávamos ameaçando a sua unidade. A nossa reflexão era a seguinte: ‘Se você é proletário ou não, sendo preto, você vai ser discriminado. Se você é proletário ou não, pobre ou não, sendo mulher você vai ser discriminada (...) desse modo, a luta de classes não pode ser uma varinha mágica que explique todas as

questões da sociedade e ponto final’. (...) Com essa reflexão nós dizíamos que o movimento homossexual não tinha que se filiar ao movimento proletário: os homossexuais são donos de sua própria voz. Os que quisessem poderiam ser de esquerda, mas o nosso tratava-se de um movimento autônomo”¹³

Fundado o *Grupo Somos de Afirmação Homossexual*, a maneira como as lutas deveriam ser conduzidas tornou-se motivo de sérias discussões, causando inclusive separações internas entre os militantes¹⁴.

Um dos militantes que acreditava nessa luta maior contra o sistema capitalista era James N. Green. Nascido em 1951 em Baltimore, nos Estados Unidos, Green deixou a cidade em 1968 para estudar numa universidade de origem *Quaquer*¹⁵, onde se formou em Ciência Política, em 1972. Durante a faculdade, envolveu-se nas manifestações contra a Guerra do Vietnã, além de procurar resolver uma questão relevante em sua vida: a homossexualidade. “O fato de sentir que era homossexual gerava a sensação de não saber o que fazer”¹⁶.

Nesse período, entrou em contato com os movimentos feminista e da contracultura. Suas

12 A invasão do bar Stonewall, freqüentado por homossexuais, ocorrida em Nova York em 1969, é considerada um marco do ativismo homossexual nos EUA. Sobre esse assunto, John D’Emilio (1983).

13 Entrevista de João Silvério Trevisan. In: SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho: História oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1998. p. 225.

14 Ver MacRae (1989).

15 Os *Quaakers* construíram um grupo protestante peculiar, na Inglaterra, surgido em 1640. Eram um grupo de origem pacifista, a favor da igualdade social e que se recusavam a prestar lealdade ao rei, motivos pelos quais muitos foram presos e sofreram perseguições religiosas. Posteriormente, fizeram um acordo e conseguiram terras fora da Inglaterra, fundando uma colônia no Estados Unidos – a Pensilvânia – onde, pela primeira vez, houve liberdade religiosa no Novo Mundo.

16 Entrevista de James N. Green. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

artigos

questões pessoais, entre as quais despontava a homossexualidade, encontravam ecos nesses movimentos.

*“Ao participar de conferências de mulheres, comecei a perceber o apoio ao novo modelo masculino. Nestes eventos, havia agrupamentos internos compostos por homens, entre os quais se encontravam homossexuais assumidos”*¹⁷

Assim como Trevisan, Green aproximou-se da militância homossexual nos Estados Unidos. Isso é particularmente interessante, pois foram dois atores importantes para a fundação do primeiro grupo de ativismo homossexual no Brasil – *O Grupo Somos de Afirmação Homossexual*, sediado em São Paulo. Embora já se possa falar de diferentes contextos sociais e de experiências diversas no modo de vivenciar as relações homoeróticas, outras questões devem ser levantadas.

Se Trevisan aderiu à causa da homossexualidade por ela estar ligada diretamente às suas próprias experiências, também era muito simpático às idéias anarquistas, com as quais se relacionou nos Estados Unidos. Green, por outro lado, estava envolvido em lutas contra regimes totalitários e contra o capitalismo. Chegou, inclusive, a viajar para a América Latina, onde alguns grupos revolucionários pretendiam minar as bases do sistema capitalista

*“Eu, como muitas pessoas, idolatrava a América Latina, Che Guevara, a Revolução Cubana. Ao meu modo de ver, a esquerda norte-americana estava meio fraca, caminhando para o declínio. Na América Latina parecia que tudo estava acontecendo”*¹⁸

17 Entrevista de James N. Green. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

18 Entrevista de James N. Green. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

Green veio para o Brasil, mais especificamente para São Paulo, no final dos anos 70. Envolveu-se nas lutas políticas contra a ditadura militar e, em 1977, passou a militar na Convergência Socialista. Nesse período, aproximou-se dos integrantes do Grupo Somos, ainda bastante embrionário. Porém, os ideais revolucionários de Green levaram-no a conceber o movimento homossexual de forma distinta daquela proposta por Trevisan.

*“Eu idealizava a construção de um movimento gay-lésbico que lutasse pelos seus direitos, como fazia o movimento negro e o movimento feminista. Acreditava contudo na necessidade de alianças com outros setores sociais. Não somente com as minorias (...) mas com qualquer um onde houvesse homossexuais, por exemplo, a classe trabalhadora e as classe populares. Ao meu modo de ver, esses eram os setores mais dispostos a fazer uma transformação global da sociedade. (...) Sempre reivindiquei essa posição dentro do Somos...batalhava por este ponto de vista. Isso causou divergências no próprio movimento homossexual.”*¹⁹

Além de causar discussões internas ao grupo, tais modos de pensar a militância acabaram se refletindo nas obras de Green e Trevisan. Um tópico é particularmente interessante nesse sentido: embora ambos tenham vivido aqueles anos no Brasil – o período de formação do movimento homossexual brasileiro –, a maneira como pensavam as questões relativas à “identidade” parecem ser bastante diferentes em seus livros.

Numa abrangente pesquisa sobre a história da homossexualidade brasileira, que se estende desde o Brasil colonial até os anos 90 do século XX, Trevisan procura demonstrar que o envolvi-

19 Entrevista de James N. Green. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit., p. 384.

mento entre pessoas do mesmo sexo – que ele chama de homossexualidade – não é uma invenção recente, mas já se fazia notar desde os primeiros séculos da colonização. Perseguidos pela Igreja, que caracterizava essa prática como *pecado nefando*, os homossexuais foram presos pelo tribunal do Santo Ofício e, em alguns casos, mandados para a fogueira. (Trevisan, 2000).

Sua obra parte do pressuposto de que qualquer tipo de envolvimento erótico entre pessoas do mesmo sexo deveria ser entendido como homossexualidade. Como um dos fundadores do grupo *Somos*, Trevisan apostava na idéia de que era necessário construir uma identidade homossexual. Somente dessa forma seria possível lutar contra os pressupostos machistas que tornavam conflituosas as vidas dos homossexuais. Ao investigar a história brasileira em busca de relações entre pessoas do mesmo sexo, o autor oferece aos homossexuais um passado e, junto a isso, a motivação para que assumam uma identidade pautada nas suas práticas eróticas e afetivas.

Green também acredita na existência de uma identidade homossexual; todavia, os percursos que traça para chegar a essa noção são completamente diferentes daqueles propostos por Trevisan. Em seu livro, Green procura verificar a construção social da homossexualidade no Brasil, tomando como recorte temporal os últimos anos do século XIX e estendendo-se até o início dos anos 80 do século seguinte. Esse recorte já evidencia que, para o autor, a invenção histórica da homossexualidade ocorreu num contexto específico: a incorporação das práticas homoeróticas pela medicina na segunda metade do século XIX. A homossexualidade a que ele se reporta começou a se tornar uma preocupação médica num momento político e econômico de substituição, em terras brasileiras, do trabalho compulsório pela mão-de-obra assalariada. Cumprindo um papel específico – a construção do trabalhador ideal –, a medici-

na esteve, nesse período, preocupada com todas as práticas que implicassem a quebra de uma disciplina do trabalho – vadiagem, prostituição, alcoolismo. Essa noção insere a discussão da homossexualidade num panorama mais amplo, que seria outra modalidade da exploração capitalista.

Logo, é possível perceber duas maneiras distintas de pensar a homossexualidade. Ambas, no entanto, encontram apoio na trajetória de seus autores. Trevisan sempre mostrou-se cético em relação à constituição de lutas políticas com um viés partidário, simpatizando-se com causas anarquistas.

*“Eu tive participação em vários grupos políticos. Particpei inclusive da Ação Popular, mas tenho muita dificuldade para me sentir conivente com partidos. A minha consciência ultrapassa a conivência do partido e esse é um outro problema na minha vida (...) eu me considerava maoísta, mas na verdade, o que me atraía no maoísmo era o anarquismo implícito em alguns de seus aspectos.”*²⁰

A identidade homossexual que surge na obra de Trevisan, tanto quanto sua própria trajetória, não está atrelada a uma organização política, nem é fruto da exploração econômica de um sistema. Para ele, ser homossexual já seria causa suficiente para que as pessoas se organizassem e lutassem contra o machismo existente na sociedade. Quando remonta ao Brasil Colônia para evidenciar a perseguição de que foram vítimas os homens que se envolveram sexualmente com outros homens, o autor pretende mostrar uma continuidade do preconceito, do patriarcalismo e da influência da Igreja na avaliação da homossexualidade. Não seria, então, apenas

20 Entrevista de João Silvério Trevisan. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit., p. 225.

com a introdução do capitalismo no Brasil que a homossexualidade passaria a ser perseguida.

A história que Green propõe em seu livro atenta inicialmente para a homossexualidade no meio urbano, a resistência contra um sistema em que a sua presença era reprovada, até chegar nas primeiras organizações que, embora não constituíssem lutas políticas – num sentido institucional –, aglutinavam pessoas em torno de um objetivo: viver as práticas homossexuais de forma coletiva, compartilhando valores comuns e modos de vida parecidos. Os primeiros informativos, que se reportavam a fofocas, anúncios de bailes e concursos de beleza voltados para homens que se travestiam de mulher, teriam aberto caminho para que, no futuro, os homossexuais viessem a se organizar politicamente, o que incluiu a criação de um periódico mais consistente e de maior tiragem voltado para esse público – *O Lampion de Esquina*. Na obra de Green, a construção da identidade homossexual, que é urdida no decorrer do século XX, tem um caráter político muito forte, o que certamente fala muito da sua própria maneira de lutar contra a discriminação: a organização política e a aliança com outros segmentos discriminados e explorados da população.

Porém, enquanto Trevisan e Green preocuparam-se em escrever obras que procuravam refletir sobre a história da homossexualidade no Brasil, outros autores voltaram-se para a antropologia. Neste texto, reportar-me-ei às pesquisas de Peter Fry e Edward MacRae.

Peter Fry nasceu na Inglaterra em outubro de 1941. A princípio, orientou seus estudos para a matemática. “Não sabia escrever muito bem...escrevia mal! Temia um pouco as ciências mais literárias: História, Inglês, Literatura”. O contato com a antropologia aconteceu na universidade. Esta disciplina pareceu a Fry um meio termo entre ciência e literatura. No primeiro ano de graduação migrou, então, para a

antropologia. Depois de realizar pesquisas de campo na África, Fry veio ao Brasil lecionar na UNICAMP e defrontou-se com um lugar bem menos exótico do que esperava encontrar:

“A primeira reação entre mudar da Inglaterra e chegar no Brasil foi de intenso desapontamento. Fui para Campinas e a minha versão romântica do Brasil, como uma mistura entre África e Portugal, não tinha nada a ver com aquela cidade. Na verdade achei o Brasil pouco exótico...Campinas parecia uma espécie de cópia xérox, mal feita, da classe média mundial...realmente fiquei muito desapontado. Parecia que tinha chegado numa espécie de subúrbio de uma grande metrópole!”²¹

Em meados da década de 70, Peter Fry publicou um livro chamado *Para Inglês Ver*. Nessa coletânea de textos, Fry parecia ter saído em busca desse Brasil exótico que não achou em sua chegada. Ali, comentava sobre a homossexualidade dos pais de santo dos terreiros de macumba em Belém do Pará, onde realizou pesquisa de campo. Além disso, abordava as representações que a feijoada adquiria enquanto um dos símbolos de identidade nacional. Passou então a investigar os entendimentos da homossexualidade brasileira, o que, a seu ver, eram bastante diferentes do que acontecia em outros lugares que havia visitado. Num texto chamado “Da Hierarquia à Igualdade”, em que reflete sobre como se deu a construção social da homossexualidade no Brasil, Fry propõe a existência de dois sistemas pelos quais ela foi pensada. O primeiro seria o modelo hierárquico, no qual a relação entre homens estaria pautada numa polaridade (bofe/macho/penetrador x bicha/fêmea/penetrada), que

21 Entrevista de Peter Fry. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

vingaria até meados dos anos 70. Esse modelo cederia lugar para outro, o igualitário (gay/gay), que passou a conduzir as relações sexuais entre homens a partir dos anos 70. Não é meu objetivo, aqui, analisar a pertinência ou não das idéias de Fry, mas discutir sobre o que possibilitou que este autor enxergasse tal realidade em terras brasileiras, afinal, em estudos anteriores realizados no Brasil, essa questão não foi sequer ressaltada²².

Peter Fry vem de um contexto socialmente diferente da realidade brasileira, assim, o que talvez já estivesse naturalizado para um pesquisador brasileiro era novidade para ele.

“Custei a perceber que não poderia olhar para o Brasil com o meu olhar inglês. O mundo não é o mesmo....estou convencido disso! Enquanto na Inglaterra já havia uma identidade estanque – num gueto mais ou menos escondido e privado, complicado por causa da lei -, percebia que no Brasil a história era muito diferente. A sexualidade masculina é mais interessante que na Inglaterra. O próprio termo homossexual parecia uma mentira em cima da realidade brasileira....achava isso muito complicado!”²³

Enquanto nos países do hemisfério norte as relações sexuais entre homens se colocavam como uma atividade específica dos “homossexuais”, as definições *macho* e *bicha* estavam pautadas no papel assumido durante a interação sexual. *Macho* seria aquele que

penetra, independentemente de se o faz com um homem ou com uma mulher, e *bicha* é quem é penetrado, assumindo, nesse momento, o papel sexual relativo ao sexo feminino – a passividade. Se essa não era uma questão para os brasileiros, que viam tal prática de forma coerente com as noções vigentes de homossexualidade, para um estrangeiro colocou-se como um problema bastante instigante.

“No Brasil, a sexualidade masculina ainda corre solta [o autor se refere aos anos 70]...precisa de muito menos para ser comprovada. Não sei como é hoje em dia, mas era perfeitamente comum um homem casado, com filhos, transar com meninos e achar totalmente normal. Num Brasil mais ou menos popular, estou convencido que era outra coisa. No Brasil, um rapaz poderia manter relações sexuais com outro homem sem deixar de ser homem....achei isso interessante”²⁴

As conclusões a que Fry chegou através de suas pesquisas antropológicas colocavam-no em choque com a militância homossexual que estava surgindo. Para ele, não se podia falar em identidades sexuais estanques num país como o Brasil, onde as pessoas implementam suas práticas sexuais de maneiras tão diversas.

“Para todo mundo é claro que nos Estados Unidos, quem não passa por branco é negro. No Brasil essa história é mais nuançada....é muito relativa. Nos Estados Unidos já se pensava em identidades estanques, fronteiras nítidas entre o que é homossexual e o que é heterossexual....ainda há uma discussão sobre a existência ou não do bissexual! No Brasil é uma questão muito relativa...mais complicada!”

22 É importante lembrar que, ainda na década de 50, foi defendida uma tese sobre homossexualidade em São Paulo, na Escola de Sociologia e Política e que, nessa análise, as questões apontadas por Fry não pareciam tão relevantes. Barbosa da Silva. *Homossexualismo*.

23 Entrevista de Peter Fry. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

24 Entrevista de Peter Fry. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

artigos

*Não há identidades estanques, com fronteiras muito claras. Porém o movimento homossexual parte do princípio de que há uma identidade homossexual...que essa fronteira existe*²⁵

Ao assumir o posicionamento de antropólogo – atento às diversidades e à peculiaridade da cultura (homo)sexual brasileira – a posição de militante, nos moldes de como a militância vinha se desenvolvendo no Brasil e em outros lugares do mundo, foi ficando em segundo plano. Para Fry, era impossível concordar com a assunção de uma identidade ou conclamar outras pessoas a assumirem essa identidade.

*“Em São Paulo, havia todo um processo de dizer aos michês que deveriam assumir uma identidade gay...isso não tem nada a ver!!! Eram rapazes ganhando dinheiro, talvez gostando...não sei!?...não importa! Então, não gostava dessa imposição pragmática de dizer aos outros o que eles têm de decidir.”*²⁶

Enquanto Green e Trevisan apostam numa identidade homossexual, embora a construam de maneiras diferenciadas²⁷, Fry chama a atenção para a necessidade de se pensar as práticas homoeróticas no Brasil de modos diversos de como elas eram pensadas nos países do hemisfério norte. Para este último, é impossível

pensar em identidades estanques ainda hoje. Suas reservas em relação à forma como a militância se desenvolvia no Brasil – muito em virtude de como pensava a questão da “identidade” – levaram-no, inclusive, a afastar-se do movimento homossexual.

Também antropólogo, Edward MacRae nasceu em São Paulo, em 1946, filho de pai escocês e mãe brasileira, numa família de classe média alta. MacRae teve uma formação bilíngüe e sua família fez questão de manter esse bilingüismo através de escolas especializadas. Em 1960 foi estudar em Edimburgo, Escócia, numa escola antroposófica. Nesse período, morou com seu tio-avô, que era escocês. Dois anos e meio depois, foi mandado para um colégio interno na Inglaterra, onde permaneceu até ingressar na faculdade.

Ingressou na Universidade de Sussex, onde começou a cursar economia. Nas férias da faculdade, entre 1965 e 1966, MacRae foi para os Estados Unidos. Era um período bastante conturbado: nessa época acontecia o Verão do Amor e surgiam os hippies. Nessas férias MacRae teve os primeiros contatos com as drogas mais consumidas pelos jovens americanos simpáticos à contracultura.

*“O movimento hippie demorou alguns meses para chegar à Inglaterra. Mas justamente quando começou, assisti aquilo desabrochar nos Estados Unidos, estava lá e já lia Timothy Leary. Fiquei muito interessado em experimentar LSD, mas só experimentei maconha”*²⁸

Na universidade, MacRae manteve contato com o movimento operário e aproximou-se das idéias socialistas. Desistiu de cursar economia e transferiu-se para a psicologia social e, a partir de então, intensificou a proximidade com

25 Entrevista de Peter Fry. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

26 Entrevista de Peter Fry. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

27 Vale lembrar que, como militantes do movimento homossexual, a noção de identidade que aparece nos textos desses dois autores se aproxima bastante do que Manuela Carneiro da Cunha chamou de usos políticos da identidade. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Negros Estrangeiros*. Importante também observar a discussão que Frederich Barths faz sobre identidades e fronteiras.

28 Entrevista de Edward MacRae. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

amigos socialistas, com os quais participou de manifestações contra a Guerra do Vietnã em frente à embaixada americana. Nessa época aconteciam também as manifestações de 68 na França, o que acabava atingindo a vizinha Inglaterra de determinada maneira.

Ao concluir seu curso, MacRae voltou ao Brasil e encontrou um país que vivia sob uma pesada ditadura. Decidiu voltar à Inglaterra e iniciar o mestrado em sociologia da América Latina na Universidade de Essex. Durante esse curso, envolveu-se com a esquerda mais anarquista e também com o movimento feminista, que tomava cada vez mais força. Através das feministas conheceu o *Gay Liberation Front*, que, tanto quanto as feministas, buscava questionar os rígidos papéis de gênero que permeavam a sociedade.

Depois de concluir o mestrado, voltou ao Brasil e passou a se relacionar com pessoas ligadas ao teatro e à publicidade. Ainda marcado pelos estudos do mestrado, resolveu fazer viagens pelos países da América Latina que viviam sob ditaduras.

“Acho que passei doze anos sem ir à Inglaterra, só viajava pela América do Sul.(...) Na época do Allende estive no Chile, viajei uns três meses pela América do Sul, para Machu Pichu, para a Argentina, assistindo os filmes censurados que não passavam no Brasil, então visitei a Argentina no período entre ditaduras, pois tudo acontecia lá”²⁹

Por volta de 1974, MacRae herdou de sua avó um apartamento na Praça da República, em São Paulo. Intensificaram-se, nesse período, as relações com pessoas ligadas a um teatro mais questionador da realidade social, que passaram a se reunir em seu apartamento...“Esse

apartamento foi visitado por Deus e o mundo. Até o Zé Celso ensaiou ‘As Bacantes’ nele”.

O grupo ligado ao teatro levava uma vida homossexual movimentada. As pessoas nele envolvidas mantinham relacionamentos mais ou menos públicos, freqüentavam determinados espaços e montavam espetáculos contestadores da moral e dos papéis de gênero. MacRae passou a manter contato com alguns intelectuais da UNICAMP, que o levaram a iniciar uma pós-graduação em antropologia. Foi então que se deu a aproximação com o antropólogo Peter Fry, que se tornou seu orientador numa pesquisa sobre homossexualidade. Durante a semana, morava em Campinas na casa de Fry e, nos finais de semana ambos vinham para São Paulo, onde ficavam em seu apartamento.

Através de Fry, MacRae tomou conhecimento do jornal *Lampião* e se aproximou do Grupo *Somos* que se tornaria, então, objeto de sua pesquisa: preocupou-se em estudar a formação e os rumos que o grupo tomaria. Suas idéias sobre identidade homossexual foram visivelmente influenciadas pelos estudos que Fry havia desenvolvido, como, por exemplo, a afirmação de dificuldade de se pensar identidades estanques e os problemas que isso gerava para a manutenção de um grupo de militância homossexual. Porém, suas questões vão além dessa discussão. As ligações anteriores com o pensamento socialista, movimentos gays e feministas e com as lutas de outros setores – as chamadas “minorias” – levaram-no a refletir sobre as possibilidades de uma militância questionadora.

“No Somos sempre vi a questão homossexual sob o ângulo político. Achava que ela deveria estar ligada a outras questões políticas

29 Entrevista de Edward MacRae. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

30 Entrevista de Edward MacRae. In: SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit.

e de esquerda. Dos meus amigos eu era o mais 'politizado'. Havia pessoas que diziam: 'Não queremos sair dizendo ABAIXO A DITADURA...que coisa careta!'. Eu muito pelo contrário, achava que não era careta dizer ABAIXO A DITADURA. Ela tinha que ser abaixada porque era um horror"³⁰

A pesquisa de MacRae acabou se transformando no primeiro trabalho acadêmico a contar a história de um grupo de militância homossexual no Brasil. Nele, o autor aborda a criação do *Somos*, os conflitos internos e as discussões sobre as estratégias de luta implementadas por esse grupo. *A Construção da Igualdade* foi publicado em 1989 e, embora as identidades estanques sejam revistas em sua pesquisa, MacRae procura explorar a importância da militância para uma maior abertura da sociedade com o objetivo de pensar questões ligadas à homossexualidade.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Ao abordar as trajetórias e as obras desses atores/autores, algumas semelhanças podem ser apontadas. Talvez a mais importante delas seja o fato de que os quatro atores/autores experimentaram uma realidade social externa ao Brasil. Embora brasileiros, tanto Trevisan quanto MacRae travaram conhecimento com a experiência de militância que se desenrolava nos países "desenvolvidos" do hemisfério norte. Green e Fry não eram brasileiros, e cada um em seu país pôde vivenciar outras experiências políticas e sociais relacionadas à homossexualidade. O contato com realidades estrangeiras parece, então, ter sido um marco importante no surgimento do primeiro grupo de militância homossexual no Brasil e dos trabalhos sobre homossexualidade escritos no futuro.

Porém, a despeito desses pontos comuns, cada um deles encontrou maneiras diferentes de pensar tanto a militância como as questões ligadas à identidade sexual. Se para Trevisan falar em identidade homossexual significa remeter a uma história muito anterior, não sendo, portanto, fruto de conjunturas políticas e sociais, Green prefere pensar essa identidade como um "fazer-se" histórico, a partir das situações de conflito e solidariedade que marcaram as experiências homoeróticas no século XX. No entanto, dizer que Green busca uma organização social e política de seus sujeitos para então pensar a constituição de uma identidade não significa dizer que a história pensada por Trevisan seja apolítica. Afirmar, como faz Trevisan, que a homossexualidade sempre existiu, também é um projeto político, ainda que não se refira a uma política institucional.

Embora Fry tenha se aproximado das lutas homossexuais em seu país, as formas como a militância acontecia na Inglaterra não o agradavam. Uma vez no Brasil, passou a conhecer uma realidade social, política e sexual muito diferente. Observou comportamentos que se distinguiam daquilo que havia presenciado em seu país. Fry acreditava que transplantar idéias advindas de outras experiências de relações homoeróticas para as terras brasileiras era pouco saudável. Daí suas reservas com o modo de constituição da militância homossexual no Brasil. Logo, começou a forjar novas idéias a respeito do envolvimento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil.

O engajamento de MacRae com as lutas políticas das minorias, a aproximação com a atmosfera contestatória da classe teatral e a amizade com Peter Fry o levaram à elaboração de um trabalho que, ao mesmo tempo em que olhava com reservas para questões relacionadas a identidades homossexuais estanques, atentava para a importância da militância no

desenvolvimento das lutas por direito e cidadania. MacRae não deixava, no entanto, de observar os diversos projetos políticos que se chocavam no cotidiano dessa militância.

Por fim, fiz um esforço no sentido de refletir sobre como os sujeitos históricos podem ser influenciados por suas próprias trajetórias, seja na maneira como se organizam politicamente, seja no modo como representam ou recontam o passado em seus escritos. É certo, porém, que as entrevistas utilizadas para compor este texto são fruto de um esforço da memória que, de alguma forma, seleciona e reinterpreta os acontecimentos num presente construído por leituras bastante particularizadas.

Vale lembrar que, ao investigar a biografia desses atores/atores, me torno mais um autor, refletindo sobre a trajetória dessas pessoas e, dessa forma, construindo meu próprio trabalho acadêmico. Nesse sentido, resta ser problematizado – o que pretendo fazer ao longo de minha tese – quais as implicações disso para a produção de uma etnografia. Por enquanto, este texto representa muito mais o início de uma investigação do que o estabelecimento de uma resposta definitiva.

BIBLIOGRAFIA

ALTMAN, Denis. “Down Rio Way”; in ALVES DE ALMEIDA, S. *Cristopher Street*. São Francisco, Abril de 1980.

CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. *Sobre definições “sexuais” e classificações: A retórica do universo homossexual*. Campinas, 1974. Mimeo.

_____. *Negros, Estrangeiros*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHARTIER, Roger. “Text, Symbol and Frenchness”. In *The Journal of modern History*. n. 57, 1985.

CHAUNCEY, George. *Gay New York: Gender, Urban Culture and the making of the gay male world. 1890-1940*. Nova York: Basic books, 1994.

CLASTRES, Pierre. “O Arco e o Cesto”. In: *A Sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

CRAPANZANO, Vincent. *Waiting: The White of South Africa*. Nova York: Random House, 1985.

DANIEL, Herbert e PARKER. *AIDS, a terceira epidemia: Ensaio e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1990.

DANIEL, Herbert. “A síndrome do preconceito” - *Comunicações do ISEER*, 1985, vol. 4, pp. 48-56.

D’EMILIO, Jonn. *Sexual Politics, Sexual Communities*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

DRUCKER, Peter (org). *Different Rainbows*. Londres: Gay Men’s Press, 2000.

FERNANDES, James. “Historians tell tales of Cartesians cats and Gallic Cockfigts”. In: *The Journal of Modern History*. n. 60, 1988.

- FICHER, Michael. "Ethnicity and the Post-modern arts of memory"; in CLIFFORD, James; MARCUS, Georges (org.). *Writing Culture: The Poets and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- FRY, Peter. "Da Hierarquia à Igualdade: A Construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: *Para Inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____ e MACRAE, E. *O que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____ *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____ *Works and Lives: The anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- GREEN, James. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O Homossexual visto por entendidos*. Dissertação de mestrado em antropologia social. Museu Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1977.
- HERDT, Gilbert. *Third Sex, Third Gender: Beyond sexual dimorphism in culture and history*. Nova York: Zone Book, 1994.
- LA CAPRA, Dominick. "Chartier, Darnton and the Great Symbol Massacre". In: *The Journal of Modern History*. n. 60, 1988.
- BENEDICT, Phillip & LEVI, Giovanni. "Robert Darnton e il massacro dei Gatti". In: *Quaderni Historici*, n. 58, 1985.
- LEVINE, Martin. "Gay ghetto"; in LEVINE (org.) *Gay Man: The sociology of male homosexuality*. Nova York: Harper & Row, 1979.
- LEWIN, Ellen & LEAP, William L. *Out in the Field: Reflections of lesbian and gay anthropologists*. Chicago: University of Illinois Press, 1996.
- MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: Identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- _____ "Em defesa do Gueto"; in *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 21, São Paulo, 1983.
- MALINOWSKI, Bronislaw. "Os Argonautas do Pacífico Ocidental". In: *Os Pensadores*. Vol. XLIII. São Paulo: Victor Civita, 1976.
- _____. *Um Diário no Sentido Estrito do Termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MARSHALL, John. "Pansies, Perverts and Macho Man: Changing conceptions of male homosexuality". In: PLUMMER (org.) *The Making of the Modern Homosexual*. Londres: Hutchinson, 1981.
- PERLONGUER, Néstor. *O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PLUMMER, Kenneth. "O Tornar-se Gay: Identidades, ciclos de vida e estilos de vida

no homossexual masculino”. In: HART & RICHARDSON (orgs.) *Teoria e Prática do Homossexualismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

WHITE, Hayden. *Metahistory: The Historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore-Londres: The John Hopkins University Press, 1973.

RABINOW, Paul. *Reflections on Field Work in Morocco*. Berkeley: University of California Press, 1977.

YOUNG, Allen. “Gay Gringo in Brazil”. In: RICHMOND e NOGUERA (orgs.) *The Gay liberation book*. São Francisco: Rampart Press, 1973

ROTELLO, Gabriel. *Comportamento Sexual e AIDS*. São Paulo: GLS, 1998.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SILVA, Vagner. *O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____ “Nos bastidores da pesquisa de campo” – Resenha de “Um Diário no Sentido Estrito do Termo”. In: *Cadernos de Campo*, ano 8, n.7, 1997/8.

_____ “A Crítica Antropológica Pós-Moderna e a construção textual da etnografia religiosa Afro brasileira”. São Paulo: 1996. Mimeo.

SPAGNOL. *Desejo Marginal*. Dissertação de mestrado em sociologia. São Paulo: Departamento de Sociologia/USP, 1996.

TRINDADE, José Ronaldo. *Em Carne Viva: Uma análise da intolerância e da violência aos homossexuais em São Paulo*. São Paulo, 2000,. Mimeo.

_____ *O Averso do Averso: Uma análise das representações da homossexualidade presente no material visual difundido na noite gay de São Paulo*. São Paulo, 2000. Mimeo.

artigos

